

EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO ENSINO SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA FEAAC/UFC

Gustavo Luna de Melo Jorge
Rafael Lima de Sousa

Introdução

A pandemia da Covid-19 mudou de forma abrupta toda a dinâmica mundial. No primeiro instante, comércios, escolas, universidades, indústrias e até fronteiras fecharam, fazendo com que as únicas interações possíveis ou viáveis fossem on-line. A possibilidade de as atividades retornarem ao normal consiste em uma prerrogativa médico-sanitária, fato que evidencia que o reestabelecimento depende de medidas não farmacêuticas, segundo Taminato et al. (2020), como lavar as mãos com maior frequência, evitar contato físico, evitar aglomerações e locais públicos lotados, e farmacêuticas, como vacinas.

A Portaria nº 188 do Ministério da Saúde, de 3 de fevereiro de 2020, declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Nesse contexto, o Brasil, assim como todo o planeta, se mobilizou a fim de salvar vidas e evitar a disseminação do vírus. Apesar de tamanha mobilização, o Coronavírus ceifou a vida de 2.807.094 (31/03/2020) pessoas ao redor do mundo (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2021), compreendendo 317.646 pessoas no Brasil, sendo 13.778 apenas no estado do Ceará (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Com determinação executiva, por meio de portaria do MEC, e para conter a disseminação do Novo Coronavírus, as aulas passaram a ser realizadas por meio da modalidade de Ensino Remoto Emergencial. Seguindo essa condição, a Universidade Federal do Ceará também suspendeu as aulas presenciais e iniciou uma migração para a metodologia de aulas remotas. Nesse contexto, novas metodologias e formatos de ensino foram adotados pelo corpo docente e assimilados pelo corpo discente, sendo a internet o espaço para essa relação.

Como evidenciado por Miranda et al. (2020), por advento da pandemia, questões de acesso se tornaram latentes para os alunos, sendo elas principalmente a ausência de internet, notebook, computador e o fato de que, em diversos casos, a única ferramenta de acesso é o celular. Ainda nessa seara, questões psicológicas e pedagógicas também se tornaram latentes, como a distração, a dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos, a falta de um ambiente de estudo adequado, a falta de motivação, dentre outros.

Postas essas considerações, este trabalho tem como objetivo geral identificar os efeitos da Covid-19 no ensino superior sob a perspectiva dos estudantes entrantes de graduação da FEAAC. Além disso, tem-se seguintes objetivos específicos: (a) apresentar dados sobre os efeitos da pandemia no campo da Educação; (b) investigar os métodos e tecnologias utilizados no ensino remoto em um contexto pandêmico; e (c) discutir a percepção dos discentes quanto a potenciais benefícios e dificuldades na condução do ensino de maneira remota. Partindo desses objetivos, a questão que norteia este artigo consiste em saber quais os efeitos da pandemia da Covid-19 no ensino superior, sob a perspectiva dos estudantes entrantes de graduação da FEAAC.

Efeitos da pandemia quanto à perspectiva tecnológica estrutural

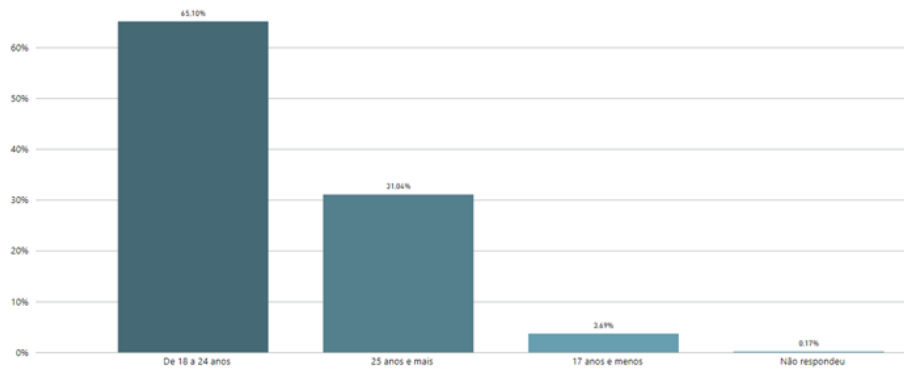
Para compreender o perfil dos ingressantes no Ensino Superior, é importante analisar os egressos do Ensino Médio. Como resultado do questionário socioeconômico aplicado na inscrição do ENEM, o Inep identificou que, nos últimos cinco anos, 65,9% dos egressos Ensino Médio declararam acessar internet através do celular; 61,9% tinham computador e celular; e 54,81% tinham os dois dispositivos e acessavam a rede mundial de computadores.

No que diz respeito à estrutura tecnológica dos estudantes brasileiros, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) traz estatísticas interessantes de serem observadas. Em relação à amostra, a cada trimestre, a PNAD Contínua verifica cerca de 211.000 domicílios, em aproximadamente 16.000 setores censitários. A datada de abril de 2020 traz que, na relação entre o acesso à internet no cenário urbano e no cenário rural, em 2018, 84% da população urbana declarava ter acesso, ao passo que o acesso da população rural correspondia a 49%. Neste mesmo cenário, mas em termos de possuir um computador, a pesquisa identificou que 41,7% dos domicílios brasileiros de áreas urbanas não possuem computadores em casa; nas áreas rurais, 14,3%.

Outro dado relevante se refere à V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais, realizada em 2018 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) e pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (Fonaprace).

A pesquisa constata que 65,1% dos alunos da UFC têm de 18 a 24 anos, seguidos pelos de 25 ou mais anos, com 31,04%, e pelos de 17 ou menos, com 3,69%. Esses dados evidenciam o perfil jovem da Universidade.

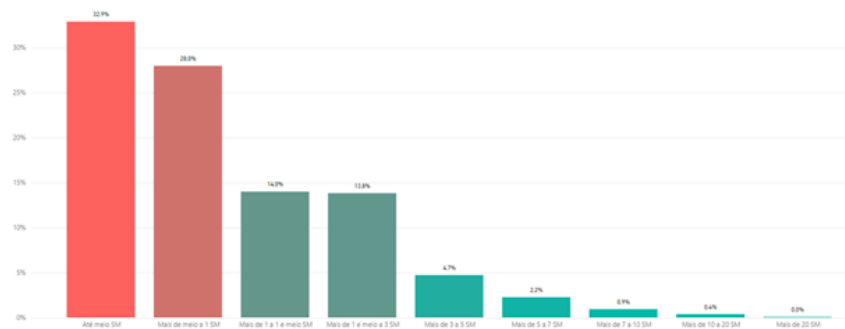
Gráfico 1 - Perfil de alunos da UFC por idade



Fonte: V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais, 2018.

Em relação a renda mensal per capita em salários mínimos (SM), observa-se que 32,9% recebe até meio SM, 28% recebe de meio a 1 SM, 14% recebe de 1 a 1,5 SM, 13,8% recebe de 1,5 a 3 SM. Tais dados evidenciam que a renda é para a maioria baixa, visto que mais da metade dos alunos recebem até um salário-mínimo.

Gráfico 2 - Perfil de alunos da UFC por renda

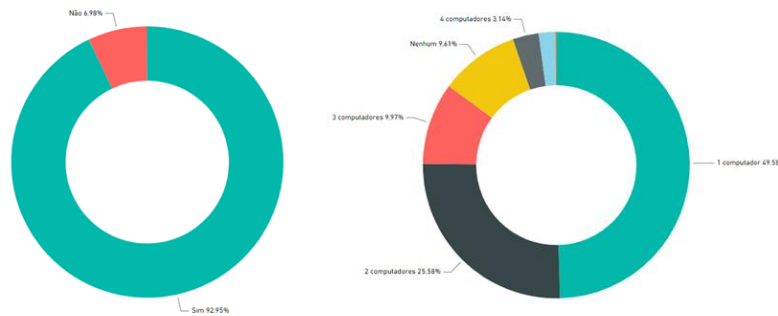


Fonte: V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais, 2018.

Com relação ao suporte tecnológico, observa-se que apenas 6,98% não possui acesso à internet. Já em relação a computador em casa, 9,61% não disseram não possuir computador em casa. É relevante pontuar que, apesar das porcentagens referentes aos pontos negativos do

suporte tecnológico serem baixas, elas representam milhares de alunos. Esse fator é atenuado pela necessidade de suporte para aulas remotas, pois é essencial um meio de acesso e internet.

Gráfico 3 - Perfil dos alunos da UFC sobre acesso a tecnologias



Fonte: V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais, 2018.

Em levantamento apresentado pelo senador Flávio Arns (Rede-PR), vice-presidente da Comissão de Educação, realizado por meio do DataSenado, identificou-se que “entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de covid-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas”. A pesquisa evidencia que existem diferenças entre a educação na rede pública e na rede privada também no que se refere ao acesso dos alunos à internet. Nos lares entrevistados, dos estudantes que estão tendo aulas remotas na rede pública, 26% não possuem internet. Já na rede privada, o percentual cai para 4%. Em relação aos meios de acesso aos materiais de estudo, o celular é o mais utilizado, 64%, seguido pelo computador, 24% (SENADO, 2020).

Como abordado no trabalho de Silus et al. (2020), a Portaria nº 343, do Ministério da Educação (MEC), de 18 de março de 2020, posteriormente alterada pela Portaria nº 345, publicada em 19 de março de 2020 e no dia 17 de junho de 2020 consolidado pela Portaria nº 544, as Instituições de Ensino Superior (IES) da modalidade presencial, passaram a realizar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) por consequência do isolamento social necessário para a contenção da propagação do Novo Coronavírus. É de suma importância compreender que o ERE não é sinônimo de Educação a Distância (EAD), pois essas modalidades possuem diretrizes distintas e normativas próprias. O estudo ainda aborda a tendência dos estudantes,

mesmo antes da pandemia, por uma renovação no processo de aprendizagem, visto que “as formas de promover a educação estão inseridas nas novas ações da realidade contemporânea que temos da sociedade bem como o perfil dos novos estudantes”.

Efeitos da pandemia quanto à dimensão pedagógica

Para além de questões específicas quanto à adaptação da comunidade acadêmica das universidades ao contexto da utilização de tecnologias que melhor viabilizem a condução do processo de ensino e aprendizagem, há, ainda, circunstâncias que permeiam a dimensão pedagógica propriamente dita. A aprendizagem deriva de sínteses interpretativas que se realizam nas relações dialéticas do sujeito com o seu meio, sendo que uma das principais características das práticas pedagógicas é a interação. Além disso, vale ressaltar, que a convivência entre o sujeito que aprende e o professor que busca ensinar é um elemento que atravessa as relações entre professor, aluno, currículo e escola (FRANCO, 2015).

Delors et al. (1996), cuja obra se debruça sobre aspectos relacionados também à qualidade do ensino superior, apresentam os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e, por fim, aprender a ser. Dessa forma, a educação teria que se organizar em torno dessas quatro aprendizagens, tornando o indivíduo apto a adquirir os instrumentos da compreensão, a agir sobre o meio que o envolve, bem como a participar e cooperar com os outros nas atividades humanas. O “aprender a ser”, nesse sentido, seria o pilar que integraria todos os outros. Além disso, há múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta entre tais pilares. Assim, pode-se afirmar que seria também papel das universidades promover essas aprendizagens.

O ambiente universitário deve, ainda, assumir um papel de facilitador das competências profissionais indispensáveis ao ingresso no mercado de trabalho e ao desempenho das funções profissionais que cada setor exige (MÁRQUEZ et al., 2018). Aderindo a esse raciocínio, muitos estudantes se matriculam em cursos universitários na expectativa de aumentar seu potencial de obter maiores rendimentos após concluírem a graduação, uma vez que o mercado de trabalho costuma remunerar melhor quem possui um diploma de curso de ensino superior. Nesse contexto, é possível que a afinidade com a área de atuação profissional sequer seja um critério a ser avaliado pelo estudante no momento de escolha do curso de

graduação. Assim, a qualidade do ensino superior ganha significativo relevo no cenário de expectativas dos alunos.

Contudo, em decorrência das políticas de isolamento social, impostas pelo Poder Público, com a finalidade de reduzir os números de infectados pelo Coronavírus, o cenário nas universidades mudou drasticamente a partir da proibição de atividades presenciais, acendendo o debate sobre a necessidade de adaptação nas metodologias de ensino até então praticadas. Um dos pontos assinalados pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), por exemplo, diz respeito à impossibilidade de se ofertar uma educação de boa qualidade, no ambiente de educação à distância, por meio de uma mera emulação de processos praticados no cenário de ensino presencial, agravando o que pode ser chamado hoje de crise de aprendizagem (SATHLER, 2020).

Importante salientar que o ensino a distância, também denominado EaD, é conduzido mediante um esquema de planejamento e uso de estratégias específicas para tal finalidade, envolvendo cuidados referentes à estrutura, ao suporte, à elaboração do material didático, ao treinamento contínuo voltado aos professores, dentre outros elementos (KAPLAN; HEANLEIN, 2016). O Ensino Remoto Emergencial que passou a ser adotado pelas instituições de ensino superior teve sua condução muito pautada por situações de improviso e adaptações não planejadas, em um cenário passível de colocar em risco a qualidade do aprendizado dos alunos. Ademais, oportuno ressaltar que o adequado processo de planejamento, preparação e desenvolvimento de ensino a distância integralmente on-line pode levar de seis a nove meses antes do curso ser efetivamente ofertado (HODGES et al., 2020).

Evidentemente, em uma situação de providências emergenciais que garantam a continuidade do ensino, não há suficiente espaço para planejamento e preparação, o que acarreta um cenário misto caracterizado por acentuados avanços e retrocessos. Seja na perspectiva dos alunos ou dos professores, o desafio se ergue sobre todos, destacando o papel que cabe a cada um.

No que tange à prática docente, as habilidades até então entendidas como essenciais ao ensino em ambiente virtual, em contextos normalizados, foram de certa forma ressignificadas por decorrência da pandemia da COVID-19, tornando a transição do ensino em sala de aula física para o ambiente remoto algo ainda mais desafiador. Moreira et al. (2020) fazem uma análise bastante acurada acerca da situação, descrevendo o cenário como

Uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em *youtubers* gravando vídeoaulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o *Skype*, o *Google Hangout* ou o *Zoom* e

plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Teams* ou o *Google Classroom*. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.

É possível, assim, observar que o modelo de ensino emergencial remoto que hoje se aplica, por força das restrições impostas pela pandemia, não pode ser precipitadamente comparado ao tradicional modelo de ensino a distância. Conforme visto, o que se praticava como ensino a distância em um cenário normalizado (pré-pandemia) era algo minimamente planejado e conduzido de modo a assegurar uma boa qualidade de ensino.

Neste contexto de Ensino Remoto Emergencial e de atualização do processo de aprendizagem, novas ferramentas se apresentam como de extrema relevância para o prosseguimento e atualização da formação acadêmica. Ferramentas essas listadas e explicadas quanto a sua funcionalidade em (PASINI et al. 2020 p. 5):

Quadro 1 - Ferramentas educacionais e suas funcionalidades

Nome	Principal utilização	Algumas funcionalidades
Sistema Moodle	Organização da disciplina e de Cursos e aulas On-Line	O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem, estando disponível em 75 línguas diferentes. A plataforma é gratuita e riquíssima, aceitando vídeos, arquivos diversos. Já está sendo amplamente utilizada na UFSM.
Google Classroom	Organização da disciplina e de Cursos e aulas On-Line	O Google Sala de aula (Google Classroom) é um serviço grátis para professores e alunos. A turma, depois de conectada, passa a organizar as tarefas online. O programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem.
YouTube	Transmissão de aulas e repositório de vídeos	Plataforma de compartilhamento de vídeos e de transmissão de conteúdo (ao vivo – “Lives” ou gravados). O docente pode criar o “seu canal” e ser acompanhado pelos discentes, já acostumados com a plataforma.
Facebook	Transmissão de aulas e informações em grupos fechados	Mais destinado ao Ensino Médio e à Educação Superior, o docente pode criar um “Grupo Fechado”, onde ele realiza perguntas iniciais de identificação dos usuários. Nessa plataforma, o docente pode incluir conteúdos e realizar “lives” (aulas on-line), que já ficam automaticamente gravadas.
StreamYard	Transmissão on-line e videoconferência	Estúdio on-line gratuito para lives com um ou mais profissionais. Ele pode ser relacionado ao YouTube ou ao Facebook. Possui uma versão paga, com maiores aplicações, mas a gratuita auxilia nas atividades docentes.

OBS Estúdio	Transmissão on-line e videoconferência	O Open Broadcaster Software, que pode ser traduzido como Software de Transmissão Aberta realiza a mesma atividade que o Stream Yard, mas pode realizar gravação ou transmissão on-line. Ou seja, diferentemente do Stream Yard, o docente baixará um aplicativo no seu computador, onde poderá realizar as atividades de transmissão ou gravação.
Google Drive	Armazenamento de arquivos nas nuvens	Além de economizar o espaço do equipamento tecnológico, o Google Drive permite o compartilhamento de arquivos pela internet para os alunos. Por exemplo, após carregar o arquivo para a “nuvem” da internet, o docente pode criar um link compartilhável. Até 15 Gb de memória o Google Drive é gratuito. Excelente ferramenta de criação de arquivos de recuperação.
Google Meet	Videoconferências	Aplicativo para fazer videoconferências on-line, com diversos participantes, até 100 na versão gratuita, tendo o tempo máximo de 60 minutos por reunião, nessa versão. Existe uma versão paga, quando o tempo é livre e a quantidade de participantes aumenta para 250.
Jitsi Meet	Videoconferências	Aplicativo para fazer videoconferências on-line, gratuito, que funciona dentro do Moodle. Possui as mesmas funcionalidades do <i>Google Meet</i> .

Fonte: PASINI et al. 2020 p. 5.

Conforme Fernandes et al. (2020), a adaptação para os meios digitais foi de difícil adequação dos professores:

Embora, abrange boa parte dos alunos, fica evidenciado a dificuldade de professores com os recursos digitais, principalmente pela forma repentina da implementação do ensino remoto, mas também pela falta de proficiência com tecnologias, fato esse comprovado por diversos estudos, mas com atual cenário pandêmico valida tal vicissitude. Outro fator, relaciona-se com acessibilidade, pois no Brasil, ainda permeia desigualdade em diversos campos sociais e no campo tecnológico os altos índices são demasiados (FERNANDES et al. 2020 p. 12).

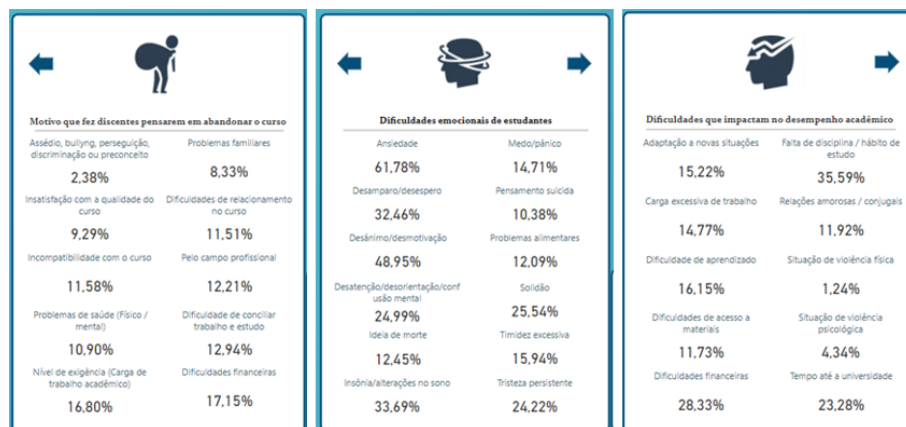
A pandemia e o enfoque no aspecto da saúde emocional

Como evidenciam Rodrigues et al. (2020), “muitos transtornos mentais são deflagrados e/ ou desencadeados neste momento de instabilidade, tornando a saúde mental desses indivíduos o enfoque de vários estudos e do ensino superior”. Partindo dessa constatação, ressalta-se a importância da discussão e adoção de práticas que fortaleçam e atendam às demandas socioemocionais dos universitários. Ainda nesse contexto, entende-se que a questão da saúde mental segue como parte essencial no cenário da pandemia, demandando atenção por parte da universidade, visto que o espaço acadêmico vai além da formação profissional.

A questão relativa à saúde emocional compreende a capacitação do corpo docente para lidar com situações de natureza socioemocional dos alunos. É importante ressaltar também que esse fator impacta no pleno seguimento das atividades pedagógicas. Como relatam Schorn e Sehn (2020, p. 7), “as competências socioemocionais são indispensáveis para repensar a educação e a relação professor-aluno diante da pandemia, porém os professores ainda carecem de formação nessa direção, o que pode trazer tensionamentos na transposição para o ensino online e para o retorno das atividades presenciais”.

Abordando novamente a V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais, agora com enfoque nos resultados relativos aos aspectos socioemocionais, pode-se observar que questões muito discutidas no momento da pandemia já eram medidas e tratadas como aspectos relevantes à formação acadêmica.

Figura 1 - Aspectos socioemocionais de Estudantes das Universidades Federais



Fonte: V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais, 2018.

A pesquisa constata que, em relação aos motivos que fazem os discentes pensarem em abandonar o curso, o principal é a dificuldade financeira, em 17,15% dos casos, seguido por nível de exigência no campo acadêmico, com 16,8%. Em relação às dificuldades emocionais dos estudantes, observa-se que a ansiedade é fator de destaque, com 61,78%, seguido por desânimo e desmotivação, com 48,95%. Também como fatores relevantes apresentam-se: desamparo/desespero, insônia/alterações no sono e tristeza persistente. Em relação às dificuldades que impactam no desempenho acadêmico, destacam-se falta de disciplina (35,59%) e dificuldades financeiras (28,33%). Esses dados são fonte de

significativa preocupação, pois os fatores em destaque são intensificados pela crise oriunda do *lockdown*, necessário para a contenção do vírus, pelas dificuldades estruturais para o acompanhamento do modelo remoto, pela ansiedade causada pelo desconhecimento da doença e por outros fatores de isolamento.

No Ceará, pesquisa encomendada pelo Sistema Verdes Mares e realizada entre os dias 27 e 30 de março pelo Instituto Opnus, revela que 53% dos cearenses afirmam ter tido algum sintoma relacionado à saúde mental na pandemia. Dentre os que apresentaram sintomas, a ansiedade representa 30%, medo, 27%, insônia, 11%, estresse, 5% e pânico, 2%. Em relação à busca por atendimento, 23% relataram que buscaram médicos e psicólogos. Em contexto geral, a população com mais escolaridade foi mais afetada, com 67% dos entrevistados indicando que apresentaram algum sintoma. No aspecto relacionado à faixa etária mais afetada, os jovens com até 24 anos apresentam o maior percentual. 63% das pessoas dessa faixa etária indicou ter sentido algum dos sintomas relacionados a problemas de saúde mental (DIÁRIO DO NORDESTE, 2021).

Metodologia

Este trabalho, no que concerne ao seu objetivo, classifica-se como descritivo, tendo em vista que pretende descrever um determinado fenômeno mediante observação. Parte de uma abordagem quali-quantitativa, com a finalidade de analisar os dados obtidos, interpretando o fenômeno descrito, bem como buscando sua melhor compreensão por meio de métodos matemáticos, porém buscando ir além da simples leitura dos dados (GIL, 2008).

Quanto aos procedimentos, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica, tendo em vista que serão analisados materiais já publicados em relação ao tema de estudo. Segundo Marconi e Lakatos (2003) esse tipo de pesquisa, também denominada como de fontes secundárias, abrange desde publicações avulsas, jornais, revistas, livros, boletins, material cartográfico, monografias, dissertações, teses etc.

A técnica utilizada nesta pesquisa foi o uso de questionário, realizado via *Google Forms*, a fim de se alcançar o objetivo aqui proposto. Preliminarmente, foi feito um levantamento dos cursos ofertados pela Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade – FEAAC, da Universidade Federal do Ceará. Para fins de viabilizar o presente trabalho, optou-se por aplicar o questionário apenas no âmbito dos cursos de Administração,

Ciências Contábeis e Ciências Econômicas. Os dois primeiros são cursos dos quais os autores fazem parte e o último é referente à disciplina cuja avaliação deu origem a esta pesquisa. Foram propostas perguntas nas seguintes modalidades: resposta curta, múltipla escolha e caixa de seleção. Os dados foram, assim, tabulados em uma planilha eletrônica e, posteriormente, analisados por meio da estatística descritiva e de um exercício econométrico.

Resultados

O formulário aplicado obteve 48 respostas. Inicialmente, observou-se que, com relação ao curso de graduação, a amostra teve uma participação equilibrada dos alunos: 37,5% dos alunos respondentes são do curso de Ciências Contábeis; 31,3%, de Administração; e 31,3%, de Ciências Econômicas. Com relação ao gênero, houve também um equilíbrio entre as respostas: 52,1% informaram ser do gênero masculino e 47,9% do feminino. A idade dos alunos que responderam variou entre 18 e 41 anos, sendo que 47 respostas apontaram idade igual ou inferior a 26 anos e a maior incidência foi 19 anos.

Tais informações podem ser ilustradas na Tabela 1, abaixo, onde foram consideradas as respostas dos 48 alunos:

Tabela 1 - Resultados obtidos na pesquisa

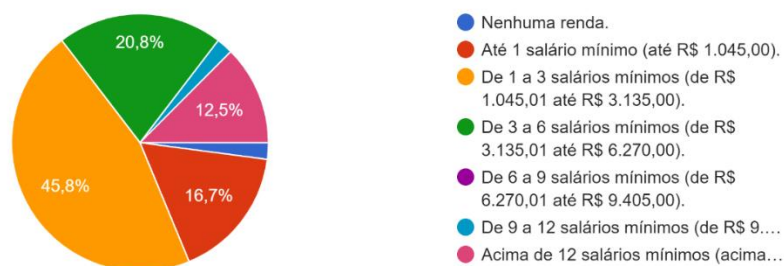
Variáveis	n	%
Curso		
Administração	18	37,5%
Ciências Contábeis	15	31,3%
Ciências Econômicas	15	31,3%
Gênero		
Feminino	23	47,9%
Masculino	25	52,1%
Idade		
18	13	27,1%
19	16	33,3%
20	4	8,3%
22	5	10,4%
24	5	10,4%
25	2	4,2%
26	2	4,2%

41	1	2,1%
Total	48	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à localização da residência, duas pessoas informaram residir em zona rural (4,2%) e 46 pessoas informaram residir em zona urbana (95,8%). Já relativamente à renda do estudante somada à renda da família, verificou-se que a maior parte das respostas indicou renda entre 1 até 3 salários-mínimos, sendo que uma pessoa indicou que não possui renda nenhuma, uma pessoa indicou possuir renda entre 9 até 12 salários-mínimos e seis pessoas informaram renda acima de 12 salários-mínimos. Os percentuais podem ser observados abaixo:

Gráfico 3 - Resultados obtidos na pesquisa

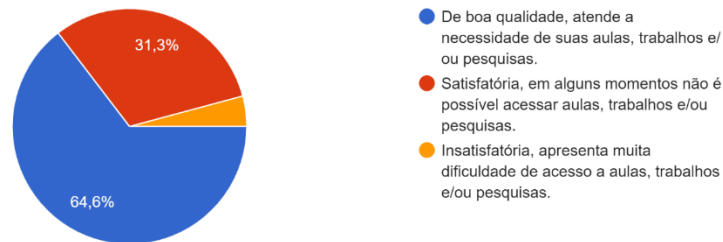


Fonte: Elaborado pelos autores.

Um dos aspectos que pode impactar a qualidade do ensino remoto, no contexto da pandemia, é o fato de o estudante precisar cuidar de uma ou mais pessoas no ambiente doméstico, de modo que, em muitos casos, precise dividir sua atenção entre os cuidados familiares e as aulas síncronas. Ao serem questionados se possuem alguma pessoa que precisa de seus cuidados em casa, a maioria informou que não possui (80,4%). Das respostas, 2,2% informaram precisar cuidar dos filhos; 6,5%, dos avós; 8,7%, dos pais; e 2,2%, dos irmãos.

No que se refere à internet utilizada, todos os alunos informaram usar a rede wi-fi da residência, sendo que, no que tange à qualidade de conexão, quase um terço (31,3%) relatou vivenciar dificuldades de acesso às aulas, bem como problemas para realizar trabalhos e/ou pesquisa, conforme se pode observar:

Gráfico 4 - Resultados obtidos na pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

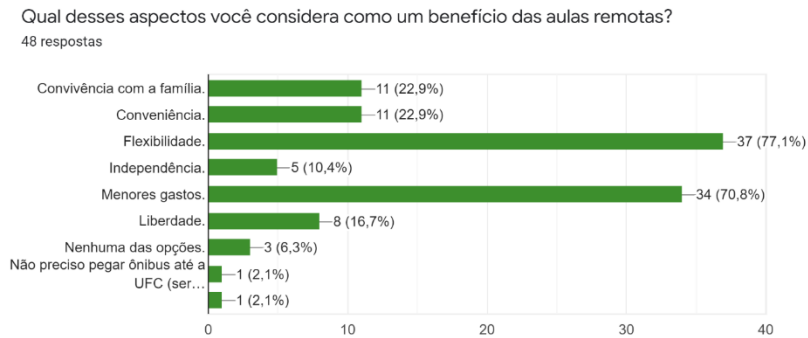
Quanto ao dispositivo utilizado para a realização das atividades acadêmicas, a maioria dos estudantes utiliza notebook pessoal e/ou celular pessoal. É interessante observar, no entanto, que houve duas respostas indicando o uso de notebook ou computador emprestado por alguém de fora da casa. Ou seja, tal fato pode promover reflexões e alimentar o debate sobre questões de acessibilidade dos discentes às aulas remotas, surgindo como um indício de que o acesso pode não ser universal, ensejando políticas públicas que mitiguem esse cenário. Inclusive, a esse respeito, 10,4% dos estudantes informaram possuir computador, notebook ou smartphone concedido por alguma política pública. Os resultados demonstram, no entanto, que esse percentual parece estar ainda aquém das necessidades dos discentes.

Com relação à inserção no mercado de trabalho, 45,8% dos estudantes da amostra informaram estar desempregados no momento, enquanto 25% afirmaram nunca terem trabalhado. Importante salientar que, nesse cenário de pandemia, além do tradicional trabalho realizado presencialmente, novas formas também foram implementadas. A esse respeito, 14,6% informaram ainda trabalhar de forma presencial, 10,4% trabalham em modelo remoto (*home office*) e 4,2% trabalham em modelo híbrido.

Relativamente à percepção dos estudantes quanto a potenciais benefícios das aulas remotas, 77,1% dos respondentes apontaram a flexibilidade como um dos benefícios. Outro elemento reconhecido como benefício das aulas remotas foi a economia de gastos, apontado em 70,8% das respostas. É possível vislumbrar nisso um fator de vulnerabilidade social, uma vez que a atividade acadêmica presencial traz consigo uma série de gastos cotidianos, tais como transporte e alimentação, que somados representam uma parcela de despesas que podem consumir de maneira significativa os recursos dos alunos.

O conjunto de respostas para tal questionamento pode ser observado no gráfico a seguir demonstrado:

Gráfico 5 - Resultados obtidos na pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

Com relação aos desafios que as aulas remotas podem trazer, a procrastinação foi mencionada em 79,2% das respostas, conforme se pode observar abaixo:

Gráfico 6 - Resultados obtidos na pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

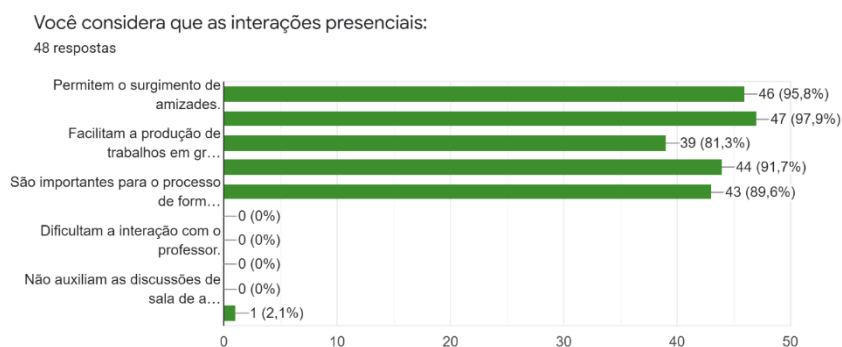
Todavia, considerando que a flexibilidade foi evidenciada como o mais reconhecido dos benefícios, conforme dito anteriormente, pode-se levantar reflexões acerca do papel das instituições de ensino superior em trabalhar nos alunos habilidades que busquem trazer equilíbrio a essa relação benefício *versus* desafio. Ou seja, desenvolver nos alunos habilidades de gestão do tempo, planejamento de rotinas e disciplina, por exemplo, de forma que consigam lidar com a flexibilidade sem aumentar o risco de procrastinação. Outro elemento que chama atenção é o fato de que 75% indicaram a perda da motivação como um desafio imposto pela pandemia, o que indica a possível necessidade de um maior acompanhamento

desses estudantes por parte das instituições, sobretudo a fim de evitar situações de evasão dos cursos de graduação (27,1% afirmaram desejo de trancar o curso). Além disso, reitera-se aqui o fato de que o modelo de ensino emergencial remoto não pode ser comparado ao modelo EaD tradicional, cujas aulas são elaboradas de maneira a buscar manter ao máximo o ritmo de motivação dos alunos (aulas mais curtas, com mais pausas, por exemplo).

Outros desafios apontados foram: perda de aprendizado (72,9%), isolamento físico e consequente ausência de interação com os colegas (66,7%), gerenciamento das atividades (54,2%), ansiedade (54,2%), ambiente doméstico (43,8%), deficiência de suporte por partes dos docentes (41,7%) e dificuldade de comunicação com os docentes (33,3%). Tais situações demonstram que alguns problemas podem ser acentuados com a existência de outros, o que permite afirmar que ao buscar soluções para alguns itens, outros poderão ser minimizados ou até mesmo eliminados enquanto situações-problema.

Partindo da ideia de que o isolamento físico, no contexto do ensino acadêmico, pode agravar determinadas situações de desconforto, raciocínio corroborado pelo percentual acima mencionado (66,7%), torna-se relevante investigar a percepção dos alunos quanto às interações presenciais. Nesse aspecto, o questionário aplicado alcançou os seguintes resultados:

Gráfico 7 - Resultados obtidos na pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

Observa-se que a imensa maioria dos respondentes (95,8%) indicou o potencial para fazer amizades como uma possibilidade promovida pelas interações sociais. Esse dado pode ser analisado sob a perspectiva de alguns dos desafios apresentados, tais como a perda da motivação, isolamento físico e ansiedade, o que conduz mais uma vez ao entendimento de que determinados fatores negativos podem ser potencializados diante da presença de outros. As

interações sociais, assim, revelam-se algo importante, uma vez que, para os estudantes da amostra, elas facilitam a discussão em sala de aula (97,9%), facilitam a interação com o professor (91,7%), são importantes para o processo de formação (89,6%) e, além disso, facilitam a produção de trabalhos em grupo (81,3%).

No que tange à questão do aprendizado dos alunos, 22,9% não se sentiram prejudicados com o modelo remoto e 77,1% se declaram prejudicados. Fator este que franqueia a sensação genérica dos alunos de que o modelo disponível é prejudicial para o prosseguimento das atividades acadêmicas. Ainda nesse contexto, perguntados se aprende-se mais, igualmente ou menos no modelo remoto em relação ao modelo presencial, 12,5% responderam que aprendem igualmente e 87,5% responderam que aprendem menos. Este é mais um fator que constata a insatisfação e prejuízo dos alunos frente ao ensino remoto.

No que se refere as aulas remotas, 47,9% responderam que, apesar das dificuldades, conseguem manter a atenção, 39,6% não conseguem reter a atenção e 12,5% conseguem reter sua atenção sem dificuldades nas aulas remotas. Este indicador explicita a questão da dificuldade dos alunos, em relação a sua aprendizagem, em assimilar conteúdos e aulas via aulas remotas. Quanto ao recurso de aulas gravadas, 33,3% não utilizam e 66,7% utilizam. Ou seja, este recurso é bem utilizado, visto que as aulas também podem ocorrer ao vivo e serem disponibilizadas gravadas, dessa forma, alguns alunos não têm a necessidade de utilizar o recurso.

Exercício econométrico

Após a análise descritiva proceder-se-á um exercício econométrico com a intenção de explicar o comportamento do prejuízo dos alunos quanto às aulas remotas. Para explicar esse comportamento, elenca-se como variável explicativa os seguintes fatores: se a casa está localizada no meio urbano ou rural(SuacasaestAlocalizadaem); idade(Qualsuaidade); gênero(QualoseugAnero); se a sua internet é boa, regular ou insuficiente(AsuainternetA); se o computador, notebook ou smartphone foi dado por alguma política pública(Oseucomputadornotebookous); se trabalha ou já trabalhou(VocAtrabalhaoujAtrabalhou); se nas aulas remotas você consegue, não consegue ou tem dificuldade em reter sua atenção(Nasaulasremotasvoca); e se assiste ou não as aulas gravadas(EmrelaAAoaulasgravadas).

A regressão é feita por meio do método Mínimos Quadrados Ordinários, método possível visto a limitação técnica dos autores.

MQO

Variável dependente: VocAsesenteprejudicadonest

	<i>Coefficiente</i>	<i>Erro Padrão</i>	<i>razão-t</i>	<i>p-valor</i>	
const	1,54384	0,683912	2,257	0,0297	**
SuacasaestAlocaliz adaem	0,366576	0,287920	1,273	0,2105	
Qualsuaidade	-0,0387996	0,0172933	-2,244	0,0306	**
QualoseugAnero	-0,0533693	0,118698	-0,4496	0,6555	
AsuainternetA	0,0413141	0,105077	0,3932	0,6963	
Oseucomputadorn otebookous	-0,0171473	0,189386	-0,09054	0,9283	
VocAtrabalhaouJA trabalhou	0,0132927	0,0661381	0,2010	0,8418	
Nasaulasremotasvo cA	-0,0699117	0,0909652	-0,7686	0,4468	
EmrelaAAoaaulas gravadas	-0,342874	0,122033	-2,810	0,0077	** *
Média var. dependente	0,770833	D.P. var. dependente	0,424744		
Soma resíd. quadrados	5,718860	E.P. da regressão	0,382933		
R-quadrado	0,325540	R-quadrado ajustado	0,187189		
F(8, 39)	2,353003	P-valor(F)	0,036013		
Log da verossimilhança	-17,05069	Critério de Akaike	52,10138		
Critério de Schwarz	68,94219	Critério Hannan-Quinn	58,46555		
Observações	48				

A regressão apresentou dois fatores que se mostraram relevantes na sua relação com a questão dada, o prejuízo dos alunos no modelo remoto. O primeiro fator observado é o da idade, nele compreende-se que quanto maior a idade mais chance tem de o aluno não se sentir prejudicado. O segundo fator observado diz respeito a utilização do recurso de aulas gravadas, no qual se observa que os alunos que o utilizam têm menores chances de se sentirem prejudicados no modelo remoto.

Considerações finais

É notório que o momento o qual a sociedade mundial vive é complexo devido a disseminação e fatalidade do Coronavírus, consequentemente atingindo fortemente várias áreas do cotidiano comum, ressaltando aqui a quebra da dinâmica tradicional da educação. Hodiernamente, a educação entra em pauta destacada pelas dificuldades enfrentadas pelo novo formato de ensino que se instalou. Obstáculos que permeiam questões estruturais, escancarando limitações de acesso dos estudantes brasileiros, de ensino, ressaltando a insatisfação dos alunos com tal situação e socioemocionais, destacando as dificuldades e problemas enfrentados pelos alunos na perspectiva psicológica.

Assim, torna-se compreensível que as atenções se voltem a esse processo de aprendizado, no contexto da pandemia da COVID-19, e em como esse processo é afetado a partir da prática do isolamento social e das restrições impostas pelo Poder Público. Nessa conjuntura, as metodologias de ensino são reavaliadas e novos modelos são propostos, a exemplo da Portaria n.º 343 do MEC, já mencionada neste estudo. Contudo, é relevante que tais propostas levem em consideração a percepção dos principais sujeitos envolvidos nessa relação de ensino-aprendizagem, a fim de garantir uma experiência adequada e, principalmente, alinhada com as expectativas dos estudantes que ingressam em uma universidade buscando uma boa colocação no mercado de trabalho.

Observa-se, portanto, que as metodologias de ensino precisam estar em constante processo de (re)avaliação nessa situação de pandemia, uma vez que práticas adotadas de maneira satisfatória no modelo presencial podem se revelar extremamente inadequadas quando se fala em ensino remoto. A inteira ausência de interações físicas faz surgir desafios que impõem novos olhares e novas práticas a fim de garantir um ensino superior de qualidade.

REFERÊNCIAS

COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU) . ArcGIS. Johns Hopkins University. Retrieved 31 March 2021.

BARROS, Gabriela Thamara de Freitas. *et al.* **Indicador de nível socioeconômico dos inscritos no enem**: concepção, metodologia e resultados. Brasília: Inep, 2019.

BRASIL. IBGE. (Org.). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Versão 1.7. Rio de Janeiro: 2020.

CHAGAS, Elisa. **DataSenado**: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia. Brasília, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gBy97C>. Acesso em: 03 abr. 2021.

FERNANDES, Ana Paula Campos; ISIDORIO, Allisson Roberto; MOREIRA, Edney Ferreira. Ensino remoto em meio à pandemia do covid-19: panorama do uso de tecnologias. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS. **Anais...** Santa Catarina. CIET: São Carlos, ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zqHxSD>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FRANCO, M. A. S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, 2015. Disponível em: bit.ly/3gEJHqz. Acesso em: 1 abr. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. **Educause Review**. Washington, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zBaV8M>. Acesso em: 1 abr. 2021.

KAPLAN, A. M.; HEANLEIN, M. Higher education and the digital revolution: About MOOCs, SPOCs, social media, and the cookie monster. **Business Horizons**, Indiana, v. 59, n. 4, p. 441-450, July-Aug., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2016.03.008>. Acesso em: 1 abr. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MÁRQUEZ, E. F.; OLIVENCIA, J. J. L.; MENESES, E. L. Competências digitais em docentes de Educación Superior. **Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria**, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/ridu/v12n1/a13v12n1.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.

NASCIMENTO, T. 53% dos cearenses afirmam ter tido algum sintoma ligado à saúde mental na pandemia. **Diário do Nordeste**, abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2WyJKNe>. Acesso em: 5 abr. 2021.

RODRIGUES, Bráulio Brandão. et al. Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, supl. 1, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zqHmqj>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SATHLER, L. **Educação pós-pandemia e a urgência da transformação digital**. Disponível em: <https://bit.ly/3gGP0WC>. Acesso em: 1 abr. 2020.

SCHORN, S. C.; SEHN, A. S. Competências socioemocionais e a prática pedagógica no contexto da pandemia: do virtual à presencialidade. **Salão do Conhecimento**, Ijuí, out. 2020.

SILUS, A.; FONSECA, A. L. C.; NETO DE JESUS, L. D. Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da Covid-19: repensando a prática docente. **Liinc Em Revista**, Brasília, v. 16, n. 2, p. e5336, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kt4jDj>. Acesso em: 24 mar. 2021.

TAMINATO, M.; MIZUSAKI-IMOTO, A.; SACONATO, H. et al. Máscaras de tecido na contenção de gotículas respiratórias - revisão sistemática. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020ar0103>. Acesso em: 29 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. (Org.). **V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes das Universidades Federais**. Fortaleza: UFC, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3Dr95tK>. Acesso em: 02 abr. 2021.